

ELIZABETH MONTEIRO



**Reflexões e confissões
sobre a maternidade**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

academia

ELIZABETH MONTEIRO

A CULPA É DA MÃE?

**Reflexões e confissões
sobre a maternidade**

academia

Copyright © Elizabeth Monteiro, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Wélida Muniz
Revisão: Gleice Couto e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Renata Zucchini
Capa: Renata Vidal
Imagens de capa: RetroClipArt/Shutterstock e shockfactor.de/Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Monteiro, Elizabeth
A culpa é da mãe? – Reflexões e confissões sobre a maternidade /
Elizabeth Monteiro. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
288 p.

ISBN 978-85-422-3326-1

1. Crianças – Criação 2. Experiências de vida 3. Mães – Psicologia 4.
Mães e filhos 5. Maternidade 6. Relações familiares I. Título

25-0689

CDD 155.6463

Índice para catálogo sistemático:
1. Mães e filhos : Relacionamentos : Psicologia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

academia

- 13** Prefácio
- 17** Apresentação
- 27** Apresentação à segunda edição

29 PRIMEIRA PARTE

- 31** Autoridade autoritária
- 35** Criança tratada como adulto
- 39** O compartilhar
- 43** Roupa suja se lava em casa

51 SEGUNDA PARTE

53 Querer é poder

61 A minha infância

64 Bom humor

71 TERCEIRA PARTE

73 Um bebê! O que eu faço agora?

77 Alimentação

83 Culpa

94 Birra

100 Agitação

107 Limites

117 Educação

127 Bullying

132 Sono

137 Irmãos

142 Emoções

147 Violência

154 Prioridades

163	Realidade
168	Paciência
181	Ciúmes
187	Família
195	Infância
200	Essa droga das drogas...
206	Morte
210	Aprendizagem
221	Dinheiro
224	Sexualidade
235	Horários e responsabilidades
239	Brincar é coisa séria!
246	Medo
252	Divórcio
257	Amizades
267	Projetos de vida
275	Quando os filhos se tornam adultos
283	Posfácio

PRIMEIRA PARTE

academia

A minha avó

“Nunca se coloca o inimigo
em posição de desespero,
pois essa necessidade
multiplica a sua força.”

Rabelais⁶

⁶ COMTE-SPONVILLE, A. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AUTORIDADE AUTORITÁRIA

Os meus avós deixaram o sul da Itália, onde nasceram, em 1877, antes da Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918). Vieram para o Brasil, “o país do futuro”, abandonando seus títulos de nobreza e suas riquezas.

A Europa, entre 1871 e 1914, era liberal e capitalista, e a população vivia grande prosperidade. Porém, as disputas territoriais e a má distribuição de renda trouxeram grande instabilidade econômica, o que resultou na explosão da Grande Guerra e na vinda de muitos europeus para o Brasil: um país grande, rico e com um futuro radioso.

Em 1869, as mulheres começavam a adquirir o direito de voto nos Estados Unidos, artimanha utilizada pelo governo para atraí-las para as fronteiras. Em 1898, madame Curie se destacava como cientista, e Elizabeth Blackwell foi a primeira mulher a ser aceita em uma faculdade de medicina, nos Estados Unidos, em 1847.

Como você pode ver, as mulheres começavam a conquistar alguns direitos e reconhecimento. Esse era o panorama da época em que os meus avós aqui aportaram. As famílias não tinham dinheiro para viver confortavelmente, e, assim como tantos outros imigrantes italianos, os meus avós zarparam num *vapore*.

O Colombo aportou em Santos em 8 de abril de 1896. Em solo brasileiro, os meus avós pegaram um trem e foram se estabelecer em São Paulo, passando a morar no Brás, uma das maiores comunidades italianas aqui existentes. Tiveram seis filhos: a tia Nicoleta; a minha mãe, Felicia; o tio Antonino; o tio Achilles; o tio Orlando; e a tia Iolanda.

Pascoalina, a minha avó, a matriarca da família, era uma senhorinha que tinha um temperamento muito forte. “Era osso duro de roer.” Uma calabresa daquelas bem ardidas! Ainda por cima, ariana. Dá pra imaginar como o seu gênio era difícil? Hahaha... velhinha brava. Chamava-se Zenóbia Pascoalina Bardari Ruggiero.

— Felicia! Felicia! — gritou Pascoalina, completamente transtornada, ao encontrar as tranças dos cabelos de minha mãe, ainda uma menina de treze anos, escondidas no fundo de uma gaveta.

— O que é, *mamma*?

— Felicia! *Tu hai cortato i capelli?*

— Não, *mamma*. Não cortei os cabelos, eles estão presos. Imagina se eu ia cortar os meus cabelos! Olha aqui! — Vira a cabeça e lhe mostra um coque, muito mal-ajeitado na nuca.

— *Hai cortato sì. Tu sei una “testata”! Che succede?* — Diante dos lindos olhos azuis e assustados de Felicia, ela balançava a trança de cabelos ruivos. — *Voglio mostrarla a tuo padre. Lui vâ vedere la bella bisca che sei tu!* — Biase, Biase! — gritou histericamente Pascoalina, que nunca se deixava enganar, chamando pelo marido. — *Vieni qui... Daí, daí... Fai presto! Guarda o que tua cara figlia hai fatto!*

Diante do chamado, o meu avô prontamente apareceu, e a minha avó abanou novamente as tranças da pobre de Felicetta, mostrando-a ao marido, um imponente e temperamental tenente da Força Pública de São Paulo, que naquele momento lustrava sua espada da cavalaria militar.

— *Che é questo? Hai cortado i capelli? Sua putana. Figlia mia, non corta i capelli*

— reagiu Biase, dirigindo-se furiosamente à pobre Felicetta. E, num ato de extrema violência, ele levantou a espada que carregava na bainha atada ao cinto do uniforme e a deixou cair no lombo da criança indefesa.

Minha mãe, Felicia, que também não era nenhuma santinha, apanhou em silêncio. Uma surra de espada sobre o seu frágil lombo infantil. Não chorou por algumas razões: sabia que estava errada, sabia que se chorasse apanharia mais e, ainda por cima, era filha de quem? De quem? Não daria “o braço a torcer”.

Felícia cresceu com as marcas das espadadas nas costas. Sempre as mostrava para mim, dizendo o quanto seu pai havia sido um homem justo e bondoso e o quanto a sua mãe infernizava a vida de todos. No fim desse episódio, a malvada e tirana acabou sendo a mãe que a delatara, e não o pai, que a havia espancado. Veja só!

Naquela época, os papéis familiares eram bem claros: cabia ao pai educar, e aos filhos obedecer sem questionar. A mãe? A mãe tinha de cuidar da casa e dos filhos e ser a aliada do pai: a delatora. Pais amigos? Nem pensar.

O modelo de família era conjugal, ou nuclear e patriarcal.

Família conjugal era aquela constituída através do casamento civil e religioso, composta de marido, mulher e filhos (nuclear) e patriarcal, em que ao pai eram dados o poder de decisão e o papel do provedor.

Você sabia que, na Antiguidade, ao pai era dado o poder de decidir sobre a vida ou a morte do filho? Como você pode perceber, o tipo de autoridade e poder exercidos eram extremamente autoritários.

Os pais exercem uma autoridade autoritária quando:

- não percebem e não ligam para o que a criança pensa e sente;
- não permitem que ela expresse suas emoções (engole o choro!);
- mudam de assunto quando a criança quer algo ou precisa expressar o que sente;
- ridicularizam a criança quando ela está triste ou com raiva;
- ridicularizam a criança quando ela comete algum erro;
- não escutam o que a criança tem a dizer;
- sentem-se incomodados quando a criança não está do jeitinho que eles querem;
- acham que a criança tem de superar todas as dificuldades, não importa como;
- pensam que não vale a pena ficar pensando em coisas ruins;
- não sabem como agir quando a criança não está bem;
- pensam que a criança faz chantagem emocional para obter as coisas;
- julgam e criticam as emoções da criança;
- são controladores e manipuladores;

- consideram que o que importa é a obediência e o bom comportamento;
- são rígidos – ameaçam, repreendem, castigam e batem por qualquer motivo.

Possíveis consequências para a criança:

- baixa autoestima, falta de confiança em si, insegurança com respeito às tomadas de decisão;
- falta de confiança nas próprias percepções, em seus sentimentos e dificuldades em reconhecer as próprias emoções;
- dificuldade em lidar com figuras de autoridade, de se relacionar com os outros e de se autoafirmar diante do outro;
- sentir-se sempre errada, imprópria e inadequada;
- fragmentação do pensamento ou raciocínio quando está sob pressão.

Estudos mostram que os homens, na contemporaneidade, passam a vida trabalhando e buscando sucesso, acreditando que estão trabalhando por sua família e que isso expressa amor, para depois descobrirem que a interpretação feita pela mulher e pelos filhos é muito diferente.

Eles escolhem uma esposa complacente, que os entenda e os ajude a crescer, e acabam sendo importantes para a família somente por provê-la. Muitos homens se queixam que a mulher e os filhos o procuram apenas para pedir dinheiro, mas não percebem que eles mesmos ensinaram isso à família.

Esse modelo de pai provedor não funciona mais: o pai contemporâneo precisa ser amoroso e firme. Deve participar dos cuidados com o filho de maneira respeitosa e protetora. Sugiro a leitura do meu livro *Cadê o pai dessa criança?*⁷

O pai que muito trabalha e que foca os bens materiais para a família acaba não desenvolvendo a sua capacidade de formar vínculos afetivos, e a família se afasta dele. Esse tipo de pai, que não pode fracassar e que vive atarefado, tende a acusar a família quando se sente requisitado por ela. Culpa os filhos e a mulher por exigirem sua atenção e cuidados.

⁷ MONTEIRO, E. *Cadê o pai dessa criança?* São Paulo: Summus Editorial, 2013.

Os neurocientistas comprovaram que a presença do pai é fundamental para o desenvolvimento dos mecanismos biológicos cerebrais.⁸ Pais que não participam da vida dos filhos correm mais riscos de criar filhos com baixo rendimento escolar, baixa autoestima e dificuldades de formar vínculos sociais.

O pai contemporâneo não pode educar através de uma autoridade autoritária. Ele precisa ser amoroso e firme. Respeitoso e protetor. Crianças que são criadas com a participação ativa do pai aprendem a enfrentar o mundo. E aí dizem que “a culpa é da mãe”. Sendo assim, eu ousou perguntar: Se “a culpa é da mãe”, *cadê o pai dessa criança?*

CRIANÇA TRATADA COMO ADULTO

Toda a criançada brincava na rua: a minha mãe, os meus tios e tias e a garotada da vizinhança. A minha mãe e algumas garotas jogavam “diabolô”, enquanto os meninos faziam bolas de barro para jogar nas meninas.

— Se você não ficar quieto, Antonino, vou chamar a *mamma*! — ameaçava Felícia.

Aí todas as meninas se viravam e mostravam a língua aos meninos, cantando uma canção provocativa:

— O Antonino não é de nada, só é de marmelada!

A minha mãe dizia que o tio Antonino era o mais inteligente dos seus irmãos, e o mais nervosinho. Diante da gozação das meninas, os meninos também passavam a provocá-lo, para vê-lo ficar descontrolado e chorar, vermelho de raiva. Como ele era o filho homem mais velho, a Pascoalina saía correndo atrás de todas as crianças, com uma velha frigideira de ferro, a proteger o primogênito. Aliás, filho homem era muito bem-vindo nas famílias italianas. Lembro-me

⁸ ALENCAR, M. O impacto da figura paterna no desenvolvimento do indivíduo. *Psicologia – Saberes & Práticas*, n. 1, v. 1, 54-61, 2017. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/psicologiasaberes&praticas/sumario/60/12122017145225.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2024.

de que o brinde que sempre faziam ao beber era "*Salute e figli maschi*" (saúde e filhos homens).

— *Maledetos!* — vovô xingava a todos, que se escondiam e morriam de rir, e depois, docemente, falava ao filho querido: — *Viene, Antonino, Che vado fare um chá per te.*

Ele tomava o chá que a minha avó lhe oferecia para acalmá-lo e dormia horas e horas. Nenhuma criança queria esse chá, pois ele era um verdadeiro "sossega leão".

Anos depois, já adulta, minha mãe descobriu que a vó Pascoalina dava chá de papoula ao tio Antonino, para que ele se acalmasse. Meu Deus! Papoula é um opiáceo! Só adulta é que a minha mãe foi entender a razão de o tio Antonino dormir tanto! Ela chegava a comentar:

— Nossa! O Antonino tomou tanto ópio que nem sei como ele continuou a ser o mais inteligente da família!

Realmente, muito inteligente, tornou-se um grande advogado. Ganhou até uma praça com seu nome em São Paulo: Dr. Antônio Ruggiero.

Bem, voltemos às guerrinhas entre os meninos e as meninas. Certo dia, depois de um temporal, o ritual começou. Era o dia perfeito para "aporrinhar" as meninas, porque havia muita lama. Naquela "papoça" toda, eis que de repente alguém tocou em algo estranho, enterrado no meio da lama:

— Vejam! O que é isso? Antonino venha ver o que achamos! — gritaram todos. O mais velho e o mais sábio da turma olhou e disse:

— Nossa! Acho que é uma bomba! Jogue aqui para mim.

O tio Achilles, que estava com a bomba na mão, arremessou-a para o irmão, que quase a deixou cair. Aí a criançada saiu em uma carreira para mostrar à *mamma*:

— *Mamma, mamma*, veja o que o Achilles achou!

Minha avó viu aquilo nas mãos das crianças e falou:

— Cuidado, cuidado... *Questa è una granada!*

A granada provavelmente advinda dos treinos do quartel da Força Pública ao qual meu avô servia.

Minha mãe contava que a rua ficava cheia de trincheiras e que a vizinhança se escondia no porão da casa da minha avó, que, por sua vez, saía rastejando no meio do tiroteio até o terreiro, com a carabina em mãos, para pegar comida e dar a toda essa gente (a velhinha era corajosa mesmo).

Assim que a *nonna* viu a granada, ordenou que as crianças a jogassem no rio Tietê, mas que tomassem muito cuidado e que não a deixassem cair.

Pense: você daria uma granada na mão de um monte de crianças arteiras para que a jogassem em um rio?

Pois é, a minha avó fez isso.

Naquele tempo, criança era tratada como adulto: trabalhava, apanhava e tinha responsabilidade acima de sua capacidade de cumprir.

A criançada foi brincando com a granada, como se fosse uma bola: jogavam-na das mãos de um para as mãos do outro, excitados pelo perigo.

Como anjo da guarda de criança é um super-herói, a granada e as crianças chegaram intactas ao rio. O tio Antonino, no papel do mais velho, pegou a granada e a arremessou com força em direção ao rio, onde pessoas pescavam, nadavam, remavam e lavavam roupa. É... O rio Tietê já foi limpo e navegável.

No instante seguinte, ouviu-se um grande estrondo e formou-se uma onda, em forma de cogumelo, enorme, no meio do rio. As crianças fugiram de medo e se esconderam atrás do mato, todas molhadas, e, depois que o susto passou, notaram que as margens do rio estavam cobertas de peixe. Foi uma enorme festa. A vizinhança inteira comeu peixe por mais de uma semana.

Agora imagine o que aconteceria se essa bomba tivesse explodido durante a brincadeira? Ia voar pedaço de criança pelo bairro inteiro!

Certamente, se isso tivesse acontecido, minha avó não se sentiria culpada pelo ocorrido, pois na cabeça dela havia agido certo. Os culpados seriam os moleques endiabrados. Naquele tempo, os pais não se sentiam culpados pelos seus “erros”, pois achavam que aquilo que faziam era o certo.

Quando se pensa em como era a infância no passado, temos a imagem de meninos e meninas atuando no trabalho duro das fazendas e das casas. As pinturas da Idade Média nos mostram crianças tristes e vestidas como adultos.

Philippe Ariès, historiador francês, em seu livro *História social da criança e da família*,⁹ afirma que a criança só passou a ser reconhecida como tal e tratada com mais respeito no final do século 17.

O conceito de infância começou a mudar a partir de então, e, apesar de estarmos no século 21 e de, nas últimas décadas, descobertas neurocientíficas e hipóteses psicológicas e psicanalíticas oferecerem novos

⁹ ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

olhares sobre essa etapa do desenvolvimento humano, ainda vemos muita falta de conhecimento com relação à infância.

Hoje, o abuso infantil continua: vemos pais que cobram demais dos seus filhos, que não os aceitam como são e que os enchem de atividades. Pais e mães que batem, abandonam e terceirizam o cuidado com os filhos.

O abuso infantil e a violência contra a criança e o adolescente não se restringem à esfera sexual. Infelizmente, a maioria das famílias não oferece aos filhos um ambiente saudável em que possam crescer.

Hoje em dia, muitos pais continuam sendo “estourados”, impacientes e impulsivos (mães também). O pai precisa adquirir o hábito de falar com a criança de maneira calma, coerente e consistente. Pai e mãe precisam ser parceiros na educação e deixar claro para os filhos o que esperam deles. Precisam deixar claro para que servem as regras e as consequências de não as cumprir. Essa é a Ética da Responsabilidade.

Eu sei que o pai tem mais facilidade para educar *sem culpas*, até mesmo porque a sociedade não culpabiliza o pai pelos fracassos na educação dos filhos. Vou dizer a você um negócio muito sério: o pai que não desempenha o seu papel, que não supervisiona adequadamente o filho, que é ausente, que repele o filho, não participa das suas atividades e apenas prioriza o trabalho e o próprio lazer, que não sabe conversar e dividir as funções com a mãe do seu filho não pode ser chamado de pai, porque não está verdadeiramente conectado e comprometido com o filho.

Estudos mostram que a dor que uma criança sente por ser órfã de pai é bem menor que a dor que ela sente pelo fato de ter um pai ausente, que não participa de sua vida.¹⁰ Manter uma relação saudável com a mãe da criança transmite a segurança de que toda criança precisa para crescer. O pai precisa se empenhar em aliar-se à mãe nos cuidados com o filho.

Pais que não aceitam os filhos e que vivem criticando a criança causam um mal imenso ao psiquismo infantil. É a aceitação, e não o elogio, que constrói a autoestima. É o amor incondicional que constrói a aceitação.

¹⁰ DAMIANI, C. C.; COLOSSI, P. M. A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos. *Pensando Famílias*, v. 19, n. 2, p. 86-101, 2015.

O COMPARTILHAR

Meu avô Biase ia partir para uma missão durante a Revolução Constitucionalista de 1932, conhecida também como Guerra Paulista, um movimento armado em São Paulo, no Rio Grande do Sul e no sul do Mato Grosso – que, anos mais tarde, viria a se tornar o Mato Grosso do Sul –, com o intuito de derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas.¹¹

Apesar de ter um pai severo e agressivo, minha mãe o amava. Quando falava dele, sempre chorava, mesmo já velhinha. Não podia ouvir “Cuore Ingrato”, a música que o vovô cantava para fazer as pazes com a minha avó, que mamãe caía em prantos.

De vez em quando, ou de vez em sempre, melhor assim dizer, os meus avós brigavam feio, e vovô ficava sem falar com ele por um mês. O meu avô, como um bom italiano galanteador e sedutor, ficava no portão dando camélias perfumadas às moças bonitas que passavam. Na verdade, fiquei sabendo que ele colocava muitos “chifres” na mulher. Era até um costume da época todo homem cornear a esposa. Infelizmente, esse machismo ainda persiste. Vovô, dominadora, controladora e ciumenta, não aguentava ver as moças sorrindo para “*il suo bello marito*”.

Todos estavam tristes com a partida dele para o campo de batalha. Fizeram várias festas de despedida. Todo mundo foi se despedir: o Pepino, o Nino, a Itália, a Carmela, os Manfredi, os Lucchesi, os Moretti, enfim “*tutte le buone persone*”. O Regimento da Cavalaria Militar saiu cedo do quartel da Avenida Tiradentes, diante do choro das famílias que ficavam. Vovô, como tenente, ia adiante de sua tropa, comandando o seu batalhão.

Passou-se um bom tempo. Tempo que não acabava mais e nenhuma notícia dele. Um dia, chegou um encarregado com a má notícia: vovô tinha sido dado como desaparecido. Estaria morto?

A vizinhança toda se aproximou da família desolada, para ampará-los e lhes dar conforto. Minha mãe estava arrasada, desolada. O seu ídolo havia partido, sem ao menos poder vê-la crescer, para que ela pudesse lhe mostrar que não era

¹¹ RIBEIRO, A. Revolução Constitucionalista de 1932 – 80 anos de uma epopeia. *AleSp*, 5 jul. 2012. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=329170>. Acesso em: 25 mar. 2024.

aquela filha teimosa e desobediente que ele havia castigado tanto quando ela cortara os cabelos. O sonho da minha mãe era dar um neto homem ao meu avô. Vovó se colocou de preto, com todos os familiares, amigos e vizinhos. Naquele tempo, as pessoas eram mais próximas afetivamente. Todos levavam comida para a família, roupas, alimentos, conforto e um pouco de dinheiro. Os filhos homens, ainda meninos, começaram a trabalhar. Mamãe e tia Nicoleta iam cortar capim para dar às cabras, enquanto a vovó cuidava do bebê: a tia Iolanda. Minha mãe e minha tia andavam diariamente seis quilômetros para cortar o capim, e o traziam em seus frágeis lombos de meninas púberes. Quando mais velhas, sofreram de dores lombares alucinantes e paralisantes. Vovó passou a receber ajuda constante de todos os conhecidos e amigos, e a vida seguiu o seu rumo.

Um dia de verão, quando vovó estava limpando a calçada, e as crianças se matando de brincar e brigar na rua, aproximou-se um velho barbudo, cheio de feridas pelo corpo, magérrimo, com os pés inchados, unhas de mãos e pés enormes e sujas, chamando a atenção de todos. Diante dessa imagem ao mesmo tempo ameaçadora e curiosa, vovó empunhou a vassoura em sua direção e já ia “caceteá-lo”, quando ouviu:

— *Calma, calma, sono io... tuo Biase... amore mio!*

— *Biase! Maledeto! Tu stai vivo! Mama mia!* — gritou vovó.

Todos ficaram petrificados. A cabeça de todos parecia girar diante daquela figura que abraçava Pascoalina com tanta força.

Os dois choraram muito, riram, se olharam e se abraçaram novamente.

As crianças correram em direção ao casal e, abraçadas às suas pernas, gritavam:

— *Babbo, babbo, Il nostro babbo è vivo!*

Diante de tanta emoção, a vizinhança foi chegando e se abraçando ao grupo, formando uma só unidade. “Viva, viva, viva!”, comemoravam todos.

Mamãe conta que começaram a arrancar as roupas pretas que usavam, as de vovó e dos filhos, e fizeram uma grande fogueira. Foi uma festa enorme, com direito a polenta, muito vinho e tarantela.

Deram banho no vovô, cortaram suas grossas unhas com faca, cuidaram de suas feridas, o barbearam e o alimentaram, para depois ouvirem sua história. O que havia acontecido?

— Foi uma grande batalha — explicou o meu avô no seu puro dialeto napolitano. — Estávamos subindo o Morro do Piolho quando fomos surpreendidos pelos inimigos que nos avistavam lá de cima. Não deu tempo de nos de-

fendermos, foi um massacre. Fiquei ferido e desarmado, numa situação sem saída. Minha tropa recuou, e eu me fiz de morto.

"Assim permaneci por vários dias, numa mesma posição, enquanto o morro continuava tomado. Somente à noite, saía rastejando em busca de ervas e vermes para comer. Bebia a água da chuva. Não podia sair de lá. Estava perdido, e a região, tomada. Os mortos apodreciam, até que um dia permitiram a retirada dos corpos e *'sono qui'*."

Foi nesse espaço de tempo que o vovô esteve "morto" que as mulheres da família começaram a se fortalecer como estrutura e se transformaram em verdadeiras guerreiras. O mais lindo dessa história é ver como as pessoas compartilhavam suas dores e suas alegrias. Todos se uniram para ajudar a vovô e sua família.

Até o século 19, cada mulher tinha um filho por ano ou a cada ano e meio (você já se imaginou parindo tanto?). As famílias eram organizadas hierarquicamente, embora a taxa de mortalidade infantil fosse muito alta. As crianças que sobreviviam logo iam para o trabalho e muitas tornavam-se chefes de família. Os pais contavam com o trabalho dos filhos e das filhas.

Hoje em dia, os filhos são poupados até a idade adulta. Tendo em vista que a adolescência se estendeu. Filhos de 30 anos continuam morando com os pais e dependendo deles. Precisam estudar. As pessoas se afastam umas das outras. Não querem se envolver. Têm medo das obrigações quem vêm com o se aproximar, o se comprometer com o outro, e assim vão vivendo vidas medíocres e isoladas.

As crianças precisam de gente, de muita gente ao redor delas. Precisam de modelos para crescer. É necessário que os pais abram as portas da casa para receber amigos, é necessário que as crianças aprendam a ajudar o outro, e não a fugir do outro.

O envolver-se é fundamental ao ser humano e a todas as relações.

Vivemos em uma época em que o índice de separações é alarmante. Muitas crianças são criadas somente pela mãe e há pouco convívio com a família. Mas saiba: você tem a obrigação de criar redes de relacionamento social para a sua criança e estimular o convívio. Isso é importante porque ela precisa de modelos para crescer e também aprender a buscar o apoio emocional nos outros.

A vida da criança é enriquecida quando ela tem a oportunidade de conviver mais com os familiares e com pessoas amigas. E essa formação de laços, essa amizade traz consigo um segredo: o da gratidão. A gratidão de amar e de ser amado por alguém.

Hoje em dia, todos fazem as mesmas coisas e frequentam os mesmos lugares, embora não se comuniquem. Veja só:

- Em dezembro, todos falam de fraternidade, amor, paz, Jesus, família, compras, presentes, comemorações e comilanças. Aquilo que deveriam praticar o ano inteiro será feito em um mês extremamente corrido e tenso, para tudo terminar em cinco minutos, após devorarem a ceia e voltarem exaustos para casa.
- Em janeiro, vão passar o Réveillon na praia: disputam estradas cheias e espaço mínimo nas poluídas praias lotadas, enfrentam a falta d'água e a escassez de alimentos nos supermercados. Os aeroportos, então? Lotados, mas todos se “aboletam”.
- “Em fevereiro, em fevereiro, tem carnaval. Tem carnaval, um fusca e um violão...”¹² e sexo, drogas e muita sacanagem. Afinal, é carnaval.
- Março é o mês em que se fala de escola e material escolar. As conversas entre as mães rolam em torno do tão esperado fim das férias: querem se ver livre das crianças.
- Abril é tempo de chocolate, coelhinho e feriado.
- Maio. Ah! Maio... Até o mais ausente e ingrato dos filhos se lembra da querida mamãe e arranja um jeito de dar um pulinho bem rápido no asilo, para ver a velha mamãe. O que vão dizer se ele não for? E vai que ela morre, né?
- Junho. Preciso falar? No mercado, você só vê barraquinha com pipoca, pinhão, amendoim, paçoca, chapéu de palha... Você se entope de canjica, de coisas que ficam esquecidas o ano inteiro nas prateleiras. E toca ir à escola ver cada filho dançar quadrilha. Alguns pais, de “saco cheio”, reclamam que não tem cerveja, e você se vira do avesso para aguentar o mau humor do maridão.

¹² PAÍS tropical. Intérprete: Jorge Ben Jor. *In*: JORGE Ben. Rio de Janeiro: Phillips Records, 1969.

- Julho é hora de viajar, dar aquela esparecida. É claro que vai estar tudo cheio, caro e impraticável, mas tem que levar as crianças para um passeio. Afinal, todo mundo está indo. Então, bora andar de avião.
- Agosto, Dia dos Pais. Novamente compras e declarações de amor, muitas vezes falsas.
- Setembro é primavera, e todas as crianças começam a reparar nas flores.
- Outubro vem “a semana do saco cheio”. Agora dá até para pensar em ir para a Disney, pois é baixa temporada, o parque está mais vazio, menos filas... Preciso dizer que o Dia das Crianças sempre foi o feriado mais importante para mim, embora muitos pais nem se lembrem da data.
- Novembro. Mês das pessoas se lembrarem daqueles que se foram. Idas ao cemitério, limpar os túmulos que de tão esquecidos foram até saqueados. Ah! Tem também aquela ida básica até Aparecida do Norte, para pagar as promessas, né?

Penso que a vida é magnífica, encantadora e surpreendente demais para ser vivida de maneira sempre igual e repetitiva.

Desejo que você transforme a sua vida, por vezes insignificante, em muitos momentos mágicos que façam o seu coração pulsar de alegria. Desejo também que a sua família possa recordar e reviver esses momentos eternamente.

Comece a construir histórias com a sua família.

ROUPA SUJA SE LAVA EM CASA

Alguns anos se passaram, e o vovô Biase, já muito abatido pela vida, morre (dessa vez, de verdade), fulminado por um infarto aos sessenta anos de idade. Pascoalina continua firme e forte, e novas gerações se acrescentam à família, que agora é verdadeiramente matriarcal.

Naquela época, era muito comum que os avós criassem os netos. Nicoleta, minha tia, a irmã mais velha de minha mãe, já tinha quatro filhos quando nasceu o caçula: o “Nenê”. Pelo jeito, ele mal tinha um nome próprio. Sempre o conheci pelo nome de “tio Nenê”.

Nenê foi criado pela *nonna* Pascoalina, porque a tia Nicoleta tinha de cuidar de uma tropa imensa de filhos e não conseguia dar conta dele.

Minha avó morava em uma chácara e criava muitos animais: cabras, coelhos, porcos e galinhas. Todos os netos iam para a casa da *nonna* e viviam a infância em cima das árvores, nadando no rio Tietê, nas ruas a brincar e a fazer arte.

Nenê, como o caçula, era o intermediário da bagunça: tanto levava bronca dos mais velhos como da *nonna* (a corda sempre arrebenta do lado mais fraco).

Um dia, essa garotada toda resolveu roubar uma linda galinha branca que pertencia à vizinha, a dona Francesca. Pura molecagem. Provocação... A galinha era muito linda, e, como a *nonna* Pascoalina não tinha nenhuma daquela cor, fizeram a tal arte.

Correu, então, um tititi entre a italianada da vizinhança. A *chiacchiera* de que os netos da dona Pascoalina haviam roubado a *galina bianca* da dona Francesca.

Quando a *chiacchiera* chegou aos ouvidos de Pascoalina, ela ficou uma fera. Começou a gritar com voz forte e rouca pela casa, procurando pelos maus elementos.

— *Má como! Che succede? Non é vero! Non credo.*

Logo pegou pela orelha o primeiro que viu e perguntou:

— *Che tu hai fatto?*

O pobrezinho do Orlando, o neto mais velho, que estava pendurado pelas orelhas, logo falou:

— Não fui eu, *nonna*... Foi o Nenê. — Entregou o caçulinha, e tirou o fiofó da reta.

— Nenê, *avicina qui. Disgraziatto, maledetto. Dove stá quello bambino? Si ti pego, ti mato!*

Nenê, que brincava inocentemente no terreiro com a *bella galina bianca* que lhe deram, olhou assustado para a avó e logo percebeu que o pau ia comer.

A visão daquela velhota descontrolada, que vinha em sua direção com uma frigideira de ferro nas mãos, acionou o seu mecanismo de medo e preservação,

e todo o seu corpo se preparou para a defesa. O que fez então? Isso mesmo! "Perna pra quem tem", "saíu a toda", "deu no pé", "fugiu de medo, cagou no dedo", "amarelou."

A *nonna* ficou mais *stuzzicatta* ainda:

— *Avvicina qui, maledetto, se ti pego ti metto il coltello, ti voi pizzicare... Ma non è stato questa l'educazione che ti ho dato. Vuoi ti mandare retornare à casa delli tuoi genitori.*

Enquanto praguejava, ela corria atrás dele com suas perninhas curtas e tortas, deformadas pela idade, abanando a pesada frigideira de ferro.

Nenê, ágil como um passarinho assustado, dá um verdadeiro baile na avó, correndo e se escondendo por entre as tralhas velhas guardadas no terreiro. Não sei, exatamente, quanto tempo durou esse baile, mas sei que foi longo. Muito cansada, ela resolveu deixá-lo ali, em seu esconderijo, fazendo-o pensar que ela havia desistido da perseguição.

Enquanto isso, ela armava a sua trama, descascando montes e montes de cebolas diante da criança que a observava sem entender o seu intuito. Apenas desconfiavam de que aquilo que haviam feito não ficaria como estava. O pobrezinho do caçulinha suspirava aliviado, mas os mais velhos e experientes sabiam que a *nonna* Pascá não era mulher de desistir de nada. Ficaram muito preocupados e resolveram sumir da área. Sabiam que o bicho ia pegar e foram se abrigar em cima das árvores, pois lá se sentiam seguros. A *nonna* teria de buscar a escada para subir nas árvores, e assim eles teriam tempo de descer correndo.

Pascá cantava na cozinha "Il Sole è Mio", enquanto fervia calma e pacientemente todas as cascas daquele absurdo de cebolas que havia descascado. À noite, *dopo la cena*, quando Nenê já havia se esquecido do episódio e parecia relaxado, Pascoalina o surpreende:

— *Tu stai preso, maledetto!*

Eis que ela surge revigorada, cheia de força e poder, abanando novamente a grossa frigideira de ferro e gritando:

— *Ascolta mi scugnizzo, monello, senza vergogna!* — disse, puxando fortemente uma de suas orelhas. — *Nessuno al mondo mi imbroglia!*

Imediatamente, Nenê sente uma água quentinha lhe escorrer pelas pernas. Tinha se mijado todo e logo após sentiu uma pancada e uma dor profunda na bunda. Aquela frigideira de ferro era muito pesada mesmo. Ainda bem que dessa vez a avó não a chapara em sua cabeça.

— Ui, ai, para Nonna. Não fui eu!

— *Zitto! Zitto Monello, non parla e non piange... Disgraziatto, senza vergogna! Se Il tuo nonno fosse vivo, tu stava morto!*

Em seguida, o faz ir buscar a *infelicce galina* no terreiro.

— *Dai, dai. Vá, vá, vá presto...*

Nenê engoliu o choro, foi até o terreiro e voltou com sua linda galinha branca. A danadinha da dona Pascoalina pegou a galinha e a colocou sobre a mesa da cozinha. Então catou o panelão com as cascas de cebolas aferventadas (agora transformadas em um líquido cor de canela).

Diante dos olhos estarecidos de toda a criançada, banhou a galinha inteira, tingindo-a pena por pena e transformando-a numa linda galinha ruiva, igual às outras tantas que tinha.

As crianças buscaram compreender a atitude da *nonna* enquanto ela rumiava entre os dentes:

— *Lascia stare. Francesca, irà vedere che qui, à casa mia non hai nessuna galina bianca. E che il poverelo dei miei nipote non é nessuno ladro.*

Ao amanhecer, chegou a dona Francesca, com seus filhos, gritando no portão:

— Dona Pascoalina...

— *Qui é?* — respondeu ela, irritada como sempre.

— Vim aqui buscar minha *galina bianca* que *quello moleque mi hai rapinato*.

Pascá, com cara de sonsa, respondeu com as duas mãos abanando em sua direção, em forma de concha, gestual típico do sul da Itália.

— *Ma che! Stai pazza? Nella mia casa non hai moleno e nessuno ladro. Io non so di che tu stai parlando.*

— *Ma io, voglio entrare, per vedere si é vero!*

— *Ma può entrare. Prego purga i piede!*

Francesca obedeceu e limpou os pés antes de entrar, já botando o olho por todo o terreiro. Não viu nenhuma galinha branca, apenas várias ruivas que estavam a ciscar.

— *Ecco! Hai visto qualcuna galina bianca?*

— *Non, mi scusa.* Essas crianças estão me deixando louca!

E, assim, dona Francesca saiu pedindo desculpas à velha Pascoalina, dando uns petelecos na cabeça de seus filhos e xingando a vizinhança pela intriga que haviam feito com a sua amada amiga.

Pascoalina, triunfante, abraçou o neto querido após tê-lo punido e também defendido a honra da família.

Mães são incríveis mesmo. Às vezes suas atitudes são aparentemente incompreensíveis, injustificáveis, controversas e totalmente inaceitáveis. Mas o que é certo? Que tipo de comportamento você deve reprimir?

Você deve estabelecer regras para a sua criança baseadas em seus próprios valores, lembrando-se sempre de que uma criança é uma criança! Deve saber e sempre se lembrar de que os filhos não nascem para serem parecidos com os pais, mas para se transformarem neles mesmos.

Criança se suja. Corre e não anda, esse é o meio de locomoção natural da criança. Ela fala alto, ri muito, faz arte e só quer brincar. Sofá e cama são feitos para pular, e espelho é para fazer caretas.

Criança deixa tudo espalhado pela casa e nunca vai guardar as coisas tão bem como você. Ela teima e quer ser ouvida; enquanto você não a escutar, ela não lhe dará paz.

Criança é um ser naturalmente curioso, pois está descobrindo o mundo e acha que as pessoas existem para servi-la. E o futuro da criança é sempre o hoje, o agora.

Se você quer ter um bom vínculo com a sua criança, procure seguir os seguintes princípios:

- Afaste-se dela quando ela estiver se comportando mal e crie um ambiente de intimidade.
- Aproxime-se dela quando perceber qualquer mudança de comportamento ou emoção, sem perder a paciência.
- Não converse com ela se você e ela estiverem em um clima tenso. Acalme-se primeiro.
- Respeite o que a sua criança sente, mesmo que não concorde com ela.
- Não a ridicularize e nem lhe diga o que deveria sentir.
- Ajude-a a nomear aquilo que ela está sentindo: se está brava, triste, ansiosa, com medo etc.
- Não se sinta na obrigação de resolver todos os problemas nem se culpe por isso.

Quer ver como funciona na prática?

— Nossa! Como você está brava hoje! O que aconteceu para você estar assim? Foi porque a mamãe não deixou você comer chocolate antes do almoço? Eu entendo que você está com vontade de comer o chocolate e que é muito ruim a gente ter vontade de fazer uma coisa e o outro não deixar. Eu sei o que você está sentindo. Está com raiva. Mas a mamãe não proibiu você de comer o chocolate. Você vai comer, sim, só que primeiro tem de almoçar, porque isto é uma regra: a sobremesa vem sempre depois.

Mães nos tempos modernos

A entrada da mulher no mercado de trabalho e o impacto mundial desse acontecimento são encarados como a maior transformação social desde a Revolução Francesa (mas também como um grande ônus na vida das mulheres que têm de se equilibrar diante do papel de mãe e de profissional). E a pílula anticoncepcional fez mais pelas mulheres e pelo direito ao prazer que todos os movimentos sociais juntos.

Todas as mães querem que o filho obtenha sucesso na vida, e se exaustam nessa função. Sucesso, só existe um: ser capaz de viver a vida do seu jeito, e amar um filho é fundamental, mas é preciso que a criança saboreie esse amor.

Descanse um pouco.

Com a possibilidade de trabalhar de casa, com o home office, as mulheres se sobrecarregam mais ainda. Principalmente aquelas que não têm uma boa estrutura emocional e ambiental para poderem trabalhar de maneira saudável e produtiva.

Misturar filhos com cuidados da casa e trabalho é uma loucura. Ou você trabalha, ou você cuida dos filhos e da casa. Criança não entende que você está ali e não pode lhe dar atenção. Pare com isso.

Deixe para trabalhar quando dormem ou quando estão na escola. Caso contrário, saia de casa para trabalhar. Vá até uma cafeteria, até um *coworking*, monte a sua base lá e nada de não ter horários para iniciar e terminar suas funções. Você tem filhos. Se não montar uma boa estrutura para trabalhar, vai enlouquecer.